
DESENVOLVIMENTO REGIONAL:

AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO

SUPERIOR (IES) E A INTERAÇÃO

COM O DISTRITO AGROINDUSTRIAL

DE ANÁPOLIS (DAIA)*

Karla Kellen de Lima, Tereza Cristina Medeiros Pinheiro de Lima, Antônio Pasqualetto

Resumo: no mundo globalizado as organizações são desafiadas à competitividade, necessitando ampliar o conhecimento em ambiente tecnológico propício à inovação. Objetivou-se conhecer; discutir e analisar a expansão das Instituições de Ensino Superior (IES) de Anápolis e a relação de cooperação e interação com o Distrito Agroindustrial de Anápolis (DAIA). Realizou-se pesquisa qualitativa, tendo como instrumento a aplicação de questionário ao responsável pelo setor de Recursos Humanos do DAIA e nas IES foram realizadas entrevistas com os diretores de unidades de ensino buscando identificar quais os serviços e ações, vantagens e desvantagens dessa interação. Os resultados demonstraram que para as organizações, as relações de cooperação são restritas à oferta de estágio e abertura do espaço para realização de visitas técnicas. Por outro lado, as IES visualizam que de forma positiva e sistematizada oferecem mão-de-obra regional capacitada às empresas do DAIA, que na maioria são oriundas de outros Estados contribuindo para o desenvolvimento regional.

Palavras-chave: DAIA. Desenvolvimento Regional. Instituições de Ensino Superior.

REGIONAL DEVELOPMENT: THE HIGHER EDUCATION INSTITUTIONS (IES) AND INTERACTION WITH THE DISTRICT OF AGRO-INDUSTRIAL ANÁPOLIS (DAIA)

Abstract: in the globalized world organizations are challenged to competitiveness, requiring expand knowledge in technological innovation-friendly environment. Aimed at learning; discuss and analyze the expansion of Higher Education Institutions (IES) Annapolis and the relationship of cooperation and interaction with the Agroindustrial District of Annapolis (DAIA). We conducted qualitative research, with the instrument the application of the questionnaire responsible for Human Resources industry DAIA and the IES were carried out interviews with the directors of teaching units seeking to identify what services and activities, advantages and disadvantages of this interaction. The results showed that for organizations, cooperative relations are restricted to the stage of supply and opening space for technical visits. On the other hand, the IES visualize

that positively and systematically offer regional labor, workers needed to DAIA companies, which are mostly from other States contributing to regional development.

Keywords: DAIA. Regional Development. Higher Education Institutions.

Para adaptar ao novo ambiente competitivo, as empresas necessitam buscar parcerias e interações que as possibilitem crescer dentro de um cenário que cada vez mais exige aprendizagem contínua, inovação, novas qualificações, autodesenvolvimento dos gestores e funcionários. Com efeito, as perspectivas gerenciais das Instituições de Ensino Superior, procuram adaptar aos novos cenários, para acompanhar as transformações ocorridas no ambiente, ou seja, implementar ações que se coadunem às novas realidades e para isso, torna-se necessário uma postura de mudanças de estratégias das IES.

Neste contexto, insere-se a cidade de Anápolis que a cada ano vem expandindo as Instituições de Ensino Superior com o intuito de atender a demanda de mão-de-obra qualificada para o setor industrial já que na cidade localiza-se um dos maiores polos industriais do Centro Oeste goiano o Distrito Agroindustrial de Anápolis (DAIA).

A problemática reporta-se a realidade vivenciada pelas IES e pelo DAIA, se existe um diálogo positivo de interação e de uma relação de cooperação que possa favorecer ambos e assim contribuir para o desenvolvimento regional de Anápolis.

A consolidação da interação e de relação de cooperação IES e empresas são indicadas pela literatura como um processo lento tendo em vista os fatores culturais, operacionais e estruturais da sociedade brasileira.

Percebe-se assim a necessidade de ampliar o diálogo entre as IES e o setor produtivo na oferta de serviços e de pessoas qualificadas, bem como ações de consultoria, atendimento a comunidade, projetos sociais, projetos de inovação e de tecnologia que venham favorecer o desenvolvimento do município de Anápolis e região.

A pesquisa justifica-se pelas mudanças que estão ocorrendo na sociedade. Se compreendermos que o tripé governo, setor empresarial e instituição de ensino superior podem alavancar o desenvolvimento da sociedade; o trabalho encontra sua relevância na necessidade de desenvolver, estimular, intensificar investimentos em políticas públicas que favoreçam esta interlocução e o desenvolvimento regional.

O objetivo da pesquisa foi analisar a interação e cooperação entre as IES e as empresas do DAIA como suporte às inovações, à capacitação das pessoas, ao crescimento empresarial e ao desenvolvimento, em Anápolis, Goiás, a partir do olhar dos diretores das unidades acadêmicas e na visão das Empresas do Distrito Agroindustrial de Anápolis.

O CONTEXTO HISTÓRICO DAS RELAÇÕES DE INTERAÇÃO

Diante do globalizado desenhado cenário de transformações, as empresas se encontram diante do desafio da competitividade, necessitando para isso desvendar uma rede de conhecimento, formando ambiente tecnológico propício à inovação, novos conhecimentos e novas ideias. Os estudos realizados indicam que: “Nos países desenvolvidos, a interação entre o setor de pesquisa e o setor empresarial faz parte da estratégia das empresas na gestão de seu conhecimento” (VASCONCELOS; FERREIRA, 2000, p.169).

Assim, pode-se afirmar que o conhecimento tem sido historicamente um motor que impulsiona as mudanças econômicas e sociais e as empresas precisam desse conhecimento para aperfeiçoar, aprimorar, ampliar seus produtos, processos, práticas e serviços, capacitando-as no enfrentamento desse mundo de mudanças.

Tornam-se necessárias políticas do setor público, privado e educacional que possam atuar como agentes na disseminação do conhecimento, contribuindo para a aprendizagem das empresas. Cassiolato (1999) afirma que se consolida, assim, o conhecimento como sendo o recurso principal que deve estar na base das novas políticas de promoção ao desenvolvimento industrial e tecnológico e o aprendizado como processo central desse desenvolvimento.

A cooperação entre a academia e o setor empresarial deve ser “caminho de mão dupla” onde a academia se beneficia do conhecimento prático das empresas oferecidas como campo de estágio e de desenvolvimento de pesquisa. As empresas se beneficiam com a capacitação de seus recursos humanos, constituição de projetos que atendam às suas especificidades, da produção de novos saberes e processos que possam potencializar a busca de excelência tanto das empresas como das IES. Pesquisas sinalizam que:

As relações universidade / empresa não se podem resumir a simples trocas de serviços ou equipamentos, por isso o seu real objetivo deve ser o aumento da base de conhecimento das duas instituições. Tais relações podem assumir várias formas, desde uma simples consultoria até a construção de estruturas especiais e complexas (VASCONCELOS; FERREIRA, 2000, p. 172).

Para as universidades, essa interação trará a prática para dentro das salas de aula, já que o aluno ampliará os conhecimentos agregando ao aprendizado acadêmico um diálogo prático, além das possibilidades de melhorias na infraestrutura educacional oriundas dos investimentos em pesquisa, montagem de laboratórios, construção de centros tecnológicos, aquisição de novas tecnologias, dentre outros.

Em relação às empresas, essa interação tem como objetivo a capacitação dos profissionais, aquisição de novos saberes provenientes da pesquisa, novas ferramentas gerenciais e de produção tecnológica.

Este fato pode ser observado na pesquisa de Dias (2011, p. 88) que confere a consolidação do polo farmacêutico de Anápolis a criação de vários cursos de graduação voltados para este segmento:

O curso de Farmácia é oferecido por três Instituições de Ensino Superior (IES): a Universidade Estadual de Goiás (UEG), o Centro Universitário de Anápolis – UniEvangélica; e, a Anhanguera Educacional. Inclusive a UEG e a UniEvangélica realizam o mestrado interinstitucional em Gestão, Pesquisa e Desenvolvimento em Tecnologia Farmacêutica, além de cursos de especialização relacionados com a gestão empresarial, segurança do trabalho e tecnologia.

A particularidade do objeto deste estudo reforça os argumentos de Reinhart e Selter (1998), que consideram existir benefícios para ambas às instituições, universidades e empresas, que usufruem destes modelos de transferência de tecnologia. Para as empresas, os modelos fornecem: aumento do pessoal cientificamente treinado; uma janela para o futuro da tecnologia; oportunidades para os empregados aumentarem suas bases de conhecimento; aumento do acesso à propriedade intelectual, patentes, e publicações e acesso aos laboratórios, faculdades e outros recursos destas instituições.

Para as universidades, os modelos fornecem uma alternativa para o declínio dos fundos governamentais; expansão nas oportunidades de aprendizado dos estudantes; aumento das publicações e patentes; oportunidades para consultarem-se fora da academia.

Atualmente no Brasil é modestamente visível e caminha a passos lentos a aproximação entre universidade/empresa, fator relacionado a desconfianças mútuas existentes entre o meio empresarial e acadêmico.

Segundo Plonsky (1999) a única saída para os países do terceiro mundo é a aproximação entre três tipos de atores: a infraestrutura de ciência e tecnologia, a estrutura produtiva e as políticas governamentais. Esses atores precisam estabelecer um diálogo amplo e intensivo para que juntos, Ciência, Tecnologia e Políticas Públicas possam alavancar o processo de desenvolvimento.

Avillez (1999) é da opinião que a falta de comunicação entre a universidade e a empresa seja um dos fatores mais críticos para o início de uma relação. Entende que é necessário mudar a postura acadêmica e empresarial brasileira que atrapalham e restringem a cooperação. Acredita que é fundamental melhorar o diálogo entre as lideranças dessas instituições.

Segundo Pasqualini (2003) as empresas precisam alinhar suas estratégias para criar um ambiente propício para inovação, afinal às inovações não são frutos do acaso. Portanto, para este mercado de novas ideias, a necessidade de interação universidade-empresa tornou-se indispensável para disponibilizar profissionais com o perfil adequado ao mercado.

A criação de setores de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) dentro das empresas propiciou um desenvolvimento na gestão do conhecimento, pois as empresas necessitam de aprimoramento contínuo, aprender a explorar seus conhecimentos e aprender a inovar através de um processo sistêmico.

O processo de desenvolvimento tecnológico da gestão de inovação deve estar interligado ao ambiente de pesquisa, pois assim como consequência maior *know how* e melhor desempenho na produtividade empresarial. Segundo Helene (1996) tecnologia é o conhecimento que permite alterar nossas relações com o ambiente e com os outros seres humanos. Por isso é indispensável à pesquisa no âmbito tecnológico. Plonsky (1998, p. 22) cita que:

Apenas a percepção da necessidade de aprendizagem permanente e ajuste recíproco ensejarão a difusão da cooperação empresa-universidade como um processo mutuamente enriquecedor, capaz de contribuir para que cada entidade, na sua esfera, avance na busca da excelência. Excelência que, como sabemos, não é destino, mas sim uma jornada.

Sendo assim, para Plonsky (1998) a cooperação entre meio acadêmico e as empresas é um eixo estruturante para a sustentabilidade do mercado, constituindo um componente estratégico das organizações, alavancando o desenvolvimento das nações e melhorando a qualidade de vida de toda a sociedade.

MATERIAL E MÉTODOS

O cenário escolhido reporta-se a cidade de Anápolis-GO, tendo como objeto de estudo as Instituições de Ensino Superior (IES) e o Distrito Agroindustrial de Anápolis

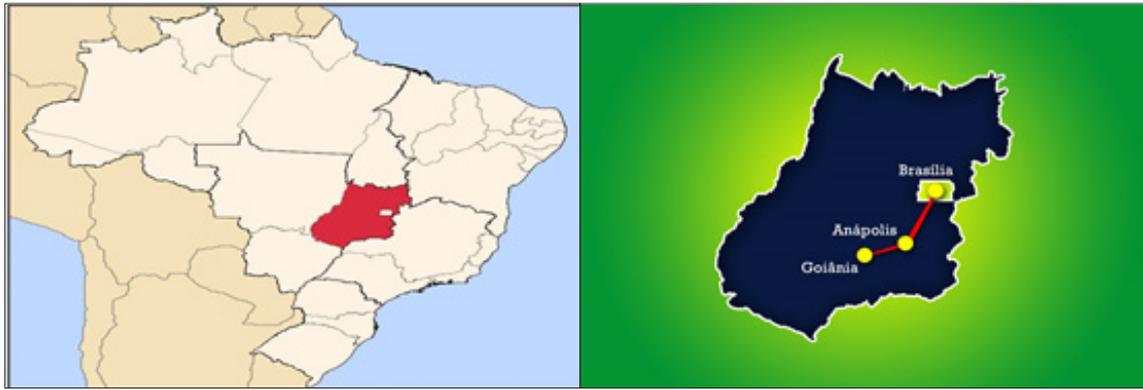


Figura 1: Mapa de localização de Anápolis – Goiás
 Fonte: Google Imagens (2014).

(DAIA), no período de 2012 a 2013.

A pesquisa foi dividida em duas etapas. Na primeira etapa buscou as instituições de ensino superior através do Ministério da Educação - Instituições de Ensino Superior e cursos cadastrados. Foram entrevistados gestores de oito IES.

A segunda etapa refere-se às empresas do DAIA, que foram levantadas pela Companhia de Distritos Industriais de Goiás – Goiás Industrial no ano de 2012, quanto ao número de funcionários e posterior classificação de porte conforme SEBRAE- GO (2012).

Quadro 1: Classificação de empresas do DAIA por número de empregados

Tamanho	Número de pessoas ocupadas
Microempresa	0 a 9
Empresas de pequeno porte	10 a 99
Empresa Média	100 até 499
Grande empresa	De 500 ou mais

Fonte: SEBRAE-GO (2012).

Posteriormente aplicou-se questionário a 23 empresas. O questionário buscou identificar quais os serviços e ações realizados pelas empresas junto às Instituições de Ensino Superior situadas em Anápolis-Goiás, que teriam fatores relevantes para o desenvolvimento regional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Instituições de Ensino Superior (IES)

Para as IES a relação de cooperação envolve em algumas áreas o desenvolvimento de atividades de pesquisa; a criação de determinados cursos com o desenho de um projeto político pedagógico alicerçado a realidade local bem como, formatação de cursos de atualização, adequando-os à realidade de mercado; como pode ser observado no olhar dos diretores acadêmicos das Instituições de Ensino Superior de Anápolis.

Segundo Prof. Msc. responsável pela Coordenação de Serviços de Interação Empresa-Escola (Cosiee) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Campus

Anápolis, tem-se procurado estreitar as relações de cooperação tanto no campo de estágio como de pesquisa. Quanto as vantagens e desvantagens da relação de parceria IES e empresas, fez a seguinte análise:

Eu não chamaria de desvantagem, eu chamaria de algumas dificuldades, como por exemplo, a comunicação. Às vezes, vamos conversar com o empresário e ele nem sabe o curso que tem aqui ainda, então se houvesse um investimento em propaganda [...] a grande vantagem que eu acho é sintonizar os cursos que o mercado está precisando, qual o perfil do profissional porque o mercado muda e a gente não pode ficar com a grade estática [...].

Na análise do Prof. Msc. Pro-Reitor Acadêmico do Centro Universitário UniEvangélica, revela que:

Na verdade assim, um projeto específico, nós não temos. Temos ações esporádicas, por exemplo, um número expressivo de empresas do DAIA mantém contato conosco [...] principalmente as do ramo farmo-químico, temos convênios e estágio no curso de Farmácia [...] e em decorrência disso, eles fazem muitas solicitações da nossa entrada em atividade de ação social nas empresas, dia da mulher, dia do farmacêutico, nas CIPAS das empresas do DAIA, então assim, nós temos um contato durante o ano inteiro, sempre com alguma empresa lá do DAIA [...].

Percebe-se que mesmo na existência de um projeto específico formatado da IES existem ações específicas de acordo com a área de conhecimento quando faz referência aos cursos de Administração e Farmácia. Reafirmando a percepção de que a iniciativa da relação de parceria com as empresas é algo de áreas específicas de conhecimento e para uma iniciativa individualizada da coordenação, dos professores e/ou mesmo das empresas.

Outro curso, por exemplo, que temos a informação que está bastante antenado com o mundo do trabalho, principalmente com as empresas do DAIA é o curso de Engenharia Civil. Temos no DAIA grandes empresas que trabalham com produção de materiais para a construção civil [...] temos um trabalho também de estágio relacionado com elas e de desenvolvimento de ações como feira de produtos [...].

A literatura nos faz refletir sobre a autonomia das IES nos cuidados de se fazerem reféns de um conhecimento utilitário, restrito ao mercado de trabalho e a formação de mão de obra. Interessante registrar a reflexão realizada:

A gente sabe que a academia se coloca em uma posição muito distante do mundo do trabalho, ela força essa não boa relação, mas eu fico a perguntar se nós estamos acima do mundo do trabalho, se a academia tem que ter essa soberania. A gente tem que atender e formar o aluno para o mercado de trabalho, para isso a gente não precisa se vender ao capital. Na verdade a gente acaba entrando em um contra-senso porque, o foco e a satisfação de uma instituição de ensino superior é saber que seus egressos estão lotados em uma grande empresa, ocupa espaços importantes dentro das organizações.

Outra análise importante refere-se ao benefício de ao aproximar-se das empresas as IES tem a oportunidade de adaptar o curso à realidade das empresas e em entrevista, afirma Barbosa que:

quando a gente sai dos muros da academia, a gente tem a oportunidade de ver aquilo que a comunidade requer de nós [...]. A cultura empresarial de Anápolis tem uma característica muito distinta, porque é um modelo muito próximo da nossa cidade.

Na Faculdade Católica de Anápolis a entrevista com a Vice-diretora acadêmica, demonstra a existência da relação da IES com as empresas situadas no DAIA:

Já estivemos em várias empresas do Daia, temos alguns dos nossos alunos fazendo estágio em algumas empresas, mas assim, um projeto voltado especificamente para a integração Faculdade-Daia, nós não temos [...]. Temos um projeto para abrir um novo curso, tanto que antes de decidir qual curso, nós ouvimos várias empresas do Daia [...].

Outra questão importante é a realização de pesquisa na instituição e a possibilidade de utilização das empresas do Daia como campo de pesquisa.

Na Faculdade FAMA através de entrevista com o Diretor Acadêmico, quando questionado se existe programa, atividade desenvolvida em parceria com empresa obteve-se a seguinte resposta:

Assim, hoje temos alguns convênios com várias empresas, temos também as visitas técnicas que é feito nas empresas [...] nós temos vários convênios, várias parcerias. A motivação de buscar essas parcerias é sempre o conhecimento, uma busca maior do conhecimento para os nossos alunos, para que eles possam vivenciar a prática, que eles possam estar próximos à realidade, de uma empresa, de uma indústria e outros similares.

Sobre a relação específica de parceria com empresas localizadas no DAIA, o Diretor fez muito mais referência aos alunos que estudam na IES e trabalham no DAIA e não necessariamente a projetos específicos de estágios, cursos, projetos, dentre outros. Afirmava que:

Nós temos uma abertura muito grande, não temos nenhuma dificuldade até porque assim a economia de Anápolis hoje, o centro, a base hoje é o DAIA, então as grandes, maiores empresas de Anápolis estão localizadas no Distrito Agroindustrial [...] nós temos aqui assim, muitos cursos que podemos dizer quase todos atendem as necessidades das empresas, então temos muitos alunos hoje dentro das empresas do DAIA [...] estudam aqui e trabalham no DAIA.

Em entrevista na Faculdade Raízes mantida pela Associação Educativa Evangélica o diretor informou que:

[...] na verdade a gente mantém a relação de estágio com algumas empresas do DAIA, através do CIEE, ou através da própria instituição [...] a gente tem, visitas técnicas, as empresas, o Porto Seco, por exemplo, tem uma relação interessante com a gente, porque nós temos disciplinas na área de aduana, aqui é o Direito Aduaneiro. Então nós trazemos todo semestre o diretor do Porto Seco, vem dar a palestra para os alunos.

Apesar da afirmação da busca de integração das IES com as empresas ainda existe carências e distanciamento ilustrando em sua fala:

Existe uma carência muito grande de mão de obra especializada, principalmente pra essas empresas que vem de fora [...] é uma relação um pouco distante, eu acho que deveria ser mais estreita, mais intensa, talvez até mesmo com uma produção de cursos mais direcionados, a demanda do DAIA [...].

Como desvantagem afirma que:

Como instituição, a gente precisa trabalhar muito bem essa, aproximação para que a produção acadêmica, a escola não fique refém do mercado, é um problema um pouco complicado [...] não permitir que a universidade perca esse seu lado, esse seu valor histórico de formação, do pensamento também, e de uma categoria de pessoas que determinam e que não sejam determinadas pela vontade do mercado.

Em entrevista na Faculdade Instituto Brasil (FIBRA), o Diretor Acadêmico revela:

A nova estrutura da faculdade, além da direção geral e da direção acadêmica, foi também instituída uma direção de desenvolvimento para fazer o intercâmbio entre a faculdade e as diversas instituições e organizações que a gente tem na nossa sociedade [...] a Faculdade FIBRA hoje faz parte do complexo do DAIA.

Sobre as vantagens da relação IES x Empresas, o professor expõe que é a possibilidade das empresas fornecerem o perfil do profissional que precisam reforçando a importância de “estar atendendo essa demanda de mão de obra especializada do DAIA.

No Centro Universitário UNI-Anhanguera, o coordenador do curso Tecnólogo em Gestão de Recursos Humanos, afirma que:

A instituição ela já trabalha com parceria com algumas empresas, por exemplo, Laboratório TEUTO Brasileiro, que hoje faz parte do grupo Faizer, a empresa Anhanguera educacional ela firmou um contrato com o laboratório, com o grupo Faizer aonde os profissionais já instalados e que trabalham no laboratório, e que busca uma formação aqui na instituição de ensino superior eles tem até 60% de desconto, então já é um grande início, um grande começo.

Considera que as vantagens poderiam ser maiores se houvesse um interesse maior das empresas em estreitar esses laços, considerando esta falta de interesse a desvantagem dessa relação, “a vantagem seria maior se a gente tivesse aí um... interesse maior das empresas”.

Quanto aos projetos de pesquisas, ensino e extensão, a instituição desenvolve semanalmente com os alunos atividades práticas supervisionadas que as sextas-feiras são trabalhadas com a comunidade e a cada quinze dias apresentam relatórios avaliativos das atividades exercidas.

Neste contexto, os estudos revelam que o debate sobre a relação universidade-empresa é relativamente informal, já que a maioria das IES beneficiam da influência das pessoas que já trabalham nas empresas para estreitar a relação de cooperação.

Empresas do DAIA

De um total de 123 empresas instaladas no DAIA o objeto desta pesquisa reportou-se as Empresas de Médio e Grande porte, sendo 28 de Médio Porte e 09 de Grande Porte.

Para o setor produtivo a relação de cooperação viabiliza um processo permanente de atualização, inovação, captação de profissionais, utilização da infraestrutura das IES, desenvolvimento de pesquisa, campo de estágio, dentre outros.

Vários estudos indicam que as empresas buscam ampliar suas competências através da busca, geração e administração de novos conhecimentos, inclusive parcerias com as Instituições de Ensino Superior (IES) com o propósito de produzir conhecimento visando atender suas necessidades de crescimento e inovação.

No entanto, para Vasconcelos e Ferreira (2000); percebe-se um conjunto de situações problemáticas na constituição dessa parceria uma vez que o tempo dessas organizações é diferente, a estrutura acadêmica é mais lenta tendo em vista a necessidade de aprofundamento científico já o meio empresarial é ágil, devido ao dinamismo e as necessidades da empresa e do mercado.

Apresenta-se a seguir a descrição das variáveis dos três blocos descritores Relacionamento; Motivação e o bloco Inovação, referente à visão das empresas perante as IES.

As questões apontadas, no Bloco de Relacionamentos (Figura 5), mostra que 60,9% das empresas possuem algum tipo de relacionamento com as Instituições de Ensino Superior (IES), 34,8% não possuem relação com as IES e 4,3% não souberam informar a existência de algum relacionamento.

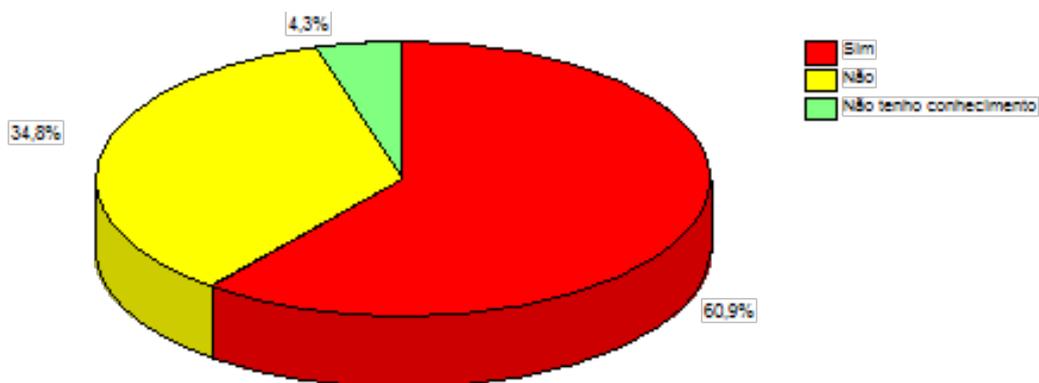


Figura 5: Relacionamento Empresas x IES, Anápolis, GO

Quanto à formalidade desse relacionamento, a Figura 6 demonstra que 47,8% afirmaram ser um relacionamento formal, enquanto que 34,8% consideravam informal essa relação e 39,1% não souberam responder ou não possuíam conhecimento.

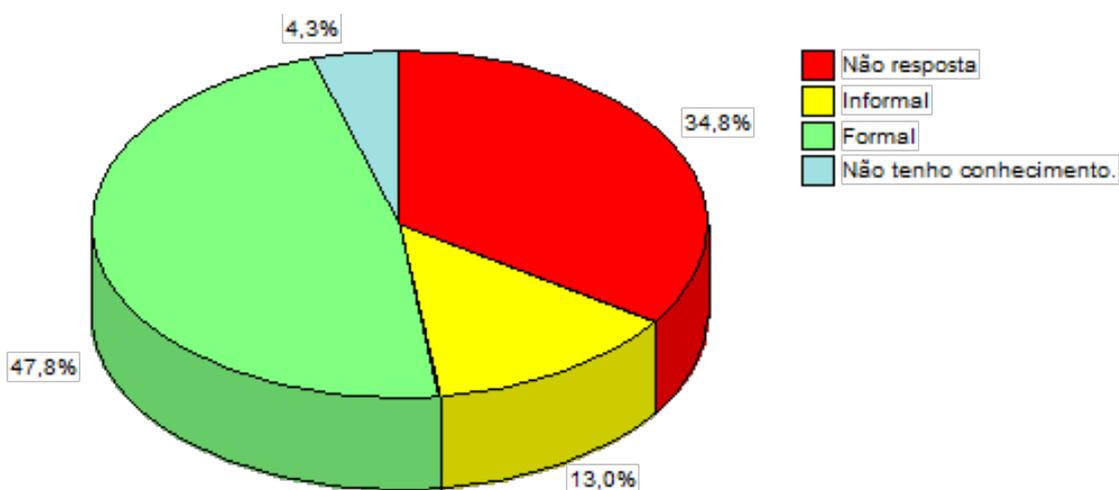


Figura 6: Interação Empresas-IES, Formal x Informal, Anápolis, GO

Já as empresas que não possuem nenhum tipo de relacionamento com as IES destas 52,2% não responderam se possuíam interesse em estreitar os laços com as IES, e na mesma proporção 21,7% apresentaram interesse, bem como outros 21,7% disseram não saber se gostariam de ter esse tipo de relacionamento e 4,3% foram taxativos ao colocar que não possuem interesse (Figura 7).

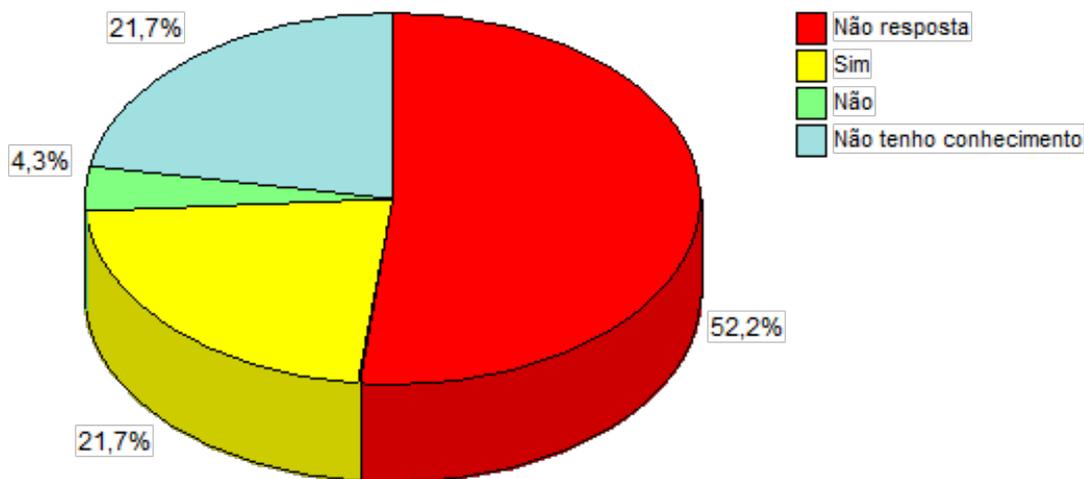


Figura 7: Interesse de cooperação da empresa com as IES, Anápolis, GO

A Figura 8 apresenta a natureza das relações mais presente entre as IES e as Empresas e referem-se em primeiro lugar ao Estágio com 24,1%, seguido da Atualização de Conhecimentos com 14,8%, a participação de Seminários/Palestras destaca-se com 13%, as Visitas Técnicas com 11,1% e com menos relevância estão as Aulas Práticas com 7,4%.
 Figura 8: Natureza das relações Empresas x IES, Anápolis, GO

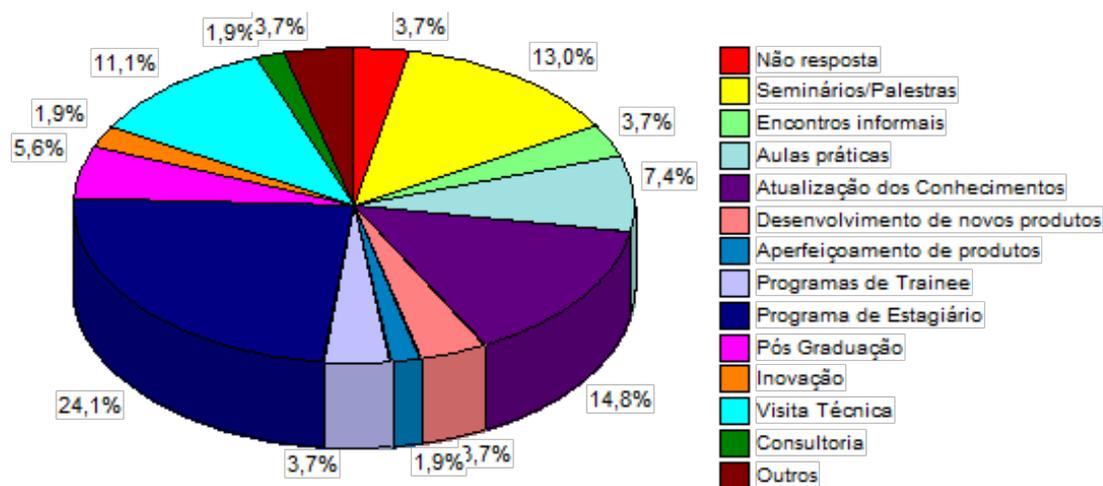


Figura 8: Natureza das relações Empresas x IES, Anápolis, GO

Quanto à concessão da estrutura do espaço físico da empresa para uso das IES no intuito de difundir informações e trocar conhecimentos junto aos alunos a Figura 9 evidencia que 52,2% dão abertura as IES enquanto que 34,8% não liberam seu espaço e 13% não possui conhecimento se esse tipo de atividade é realizada na empresa.

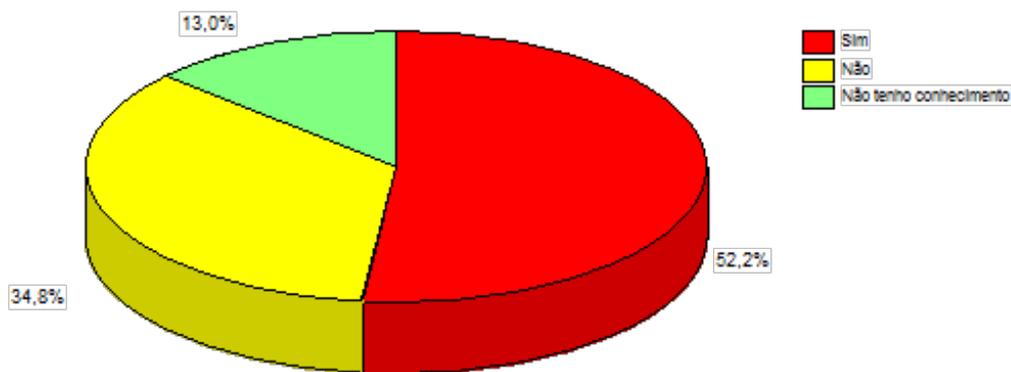


Figura 9: Concessão do espaço físico para as IES, Anápolis, GO

Ao serem questionados se as IES já procuraram a Empresa para desenvolver algum projeto (Figura 10) 69,6% das Empresas declararam não ter recebido qualquer tipo de comunicado relatando o interesse de ter alguma parceria, enquanto que 21,7% afirmaram ter recebido algum convite para estabelecer parceria tais como: desenvolver aulas na empresa, realizar Pesquisa de Clima Organizacional, Visitas Técnicas a Fábricas e aos Laboratórios para conhecer e entender o processo na prática, parcerias de Estágios e a divulgação de programas de Pós-graduação e 8,7% não possui conhecimento sobre o fato.

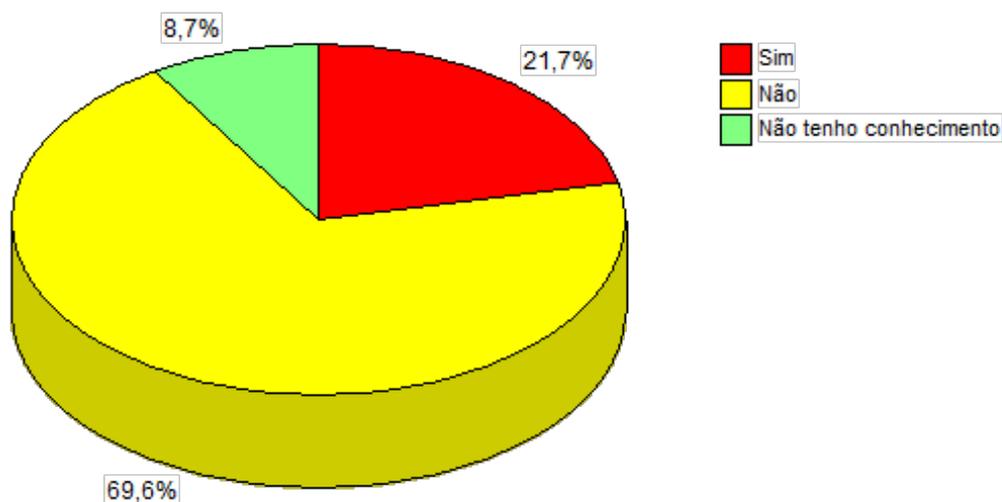


Figura 10: Desenvolvimento de Projetos em parceria, Anápolis, GO

Quanto aos órgãos intermediadores entre as IES e as Empresas 95,7% das empresas possuem conhecimento sobre esses órgãos enquanto que 4,3% não sabem nem do que se trata (Figura 11).

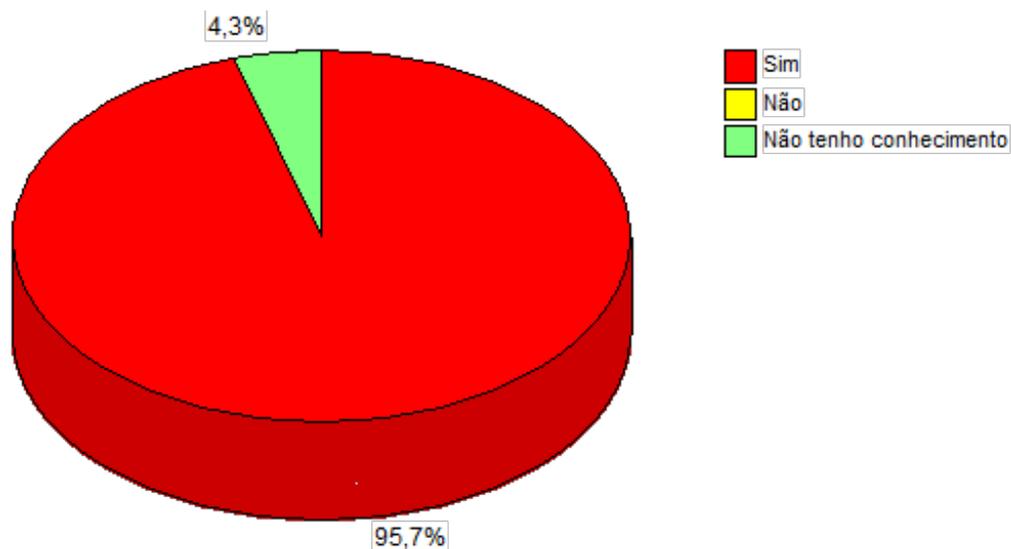


Figura 11: Conhecimento de órgãos intermediadores entre Empresas x IES, Anápolis, GO

Os órgãos intermediadores entre as IES e as Empresas que mais se destacam e são utilizados estão Senai/Sesi com 37,0%, IEL com 30,4%, CIEE com 23,9% e os demais Sesc/Senac, ACIA e Sebrae apontaram apenas 2,2% de procura pelas empresas (Figura 12).

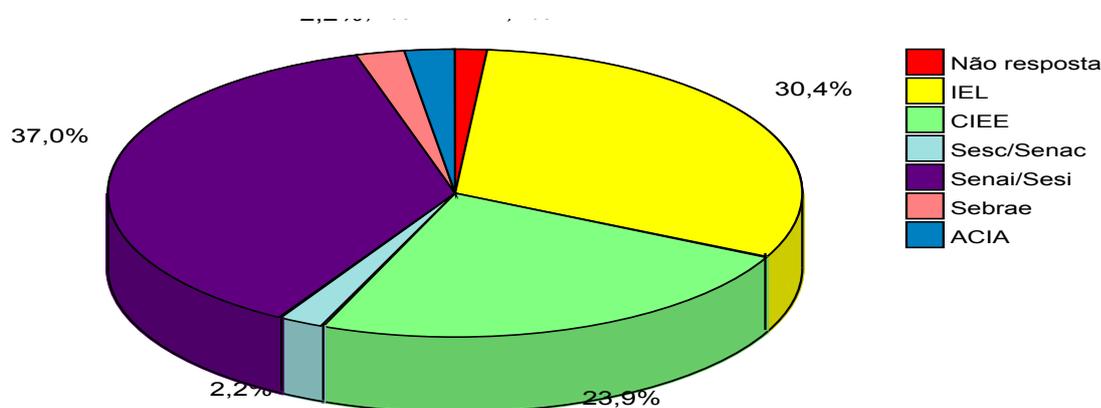


Figura 12: Órgãos intermediadores entre Empresa x IES, Anápolis, GO

Entre os projetos e programas mais utilizados pelas empresas intermediados entre IES e Empresas que mais se destacam são Estágio com 31,70%, seguido do Menor Aprendiz e do Jovem Aprendiz com 17,07% (Tabela 1).

Tabela 1: Projetos e Programas utilizados Empresas x IES, Anápolis, GO

PROJETOS/PROGRAMAS	Quantidade Absoluta (n.)	Quantidade relativa (%)
Estágio	13	31,70
Menor Aprendiz	7	17,07
Jovem Aprendiz	7	17,07
Ginásticas Laborais	2	4,88
Treinamento	2	4,88
Educação	2	4,88
Pró-jovens	2	4,88
Aulas Empresariais	1	2,44
Palestra	1	2,44
Cursos Técnicos	1	2,44
Curso de ISO	1	2,44
Bolsa Educação	1	2,44
Projetos	1	2,44
Total	41	100,00

Uma das dificuldades encontradas expressa por Avillez (1999) é que as áreas empresariais e científicas estão desagregadas, dificultando o equilíbrio entre demanda e oferta de conhecimento, além da falta de postura das universidades em colocar sua idoneidade à disposição para atuar de forma proativa, para facilitar esse intercâmbio entre o conhecimento desenvolvido e a busca de soluções para o melhoramento dos métodos utilizados no mercado, o que influencia diretamente na motivação de ambas as partes.

O Bloco de Motivação aborda os aspectos da relação das Empresas com as IES, inerentes às vantagens e desvantagens, as barreiras e os facilitadores dessa relação.

Quando questionados ao que motivariam a Empresa nessa relação com as IES 54,3% definiram o estágio, contratações e outros como o maior fator motivador da relação de cooperação seguido com 20,0% do Ensino de Graduação, 14,3% de Pós-graduação *Lato Sensu* e 8,6% Pós-graduação *Stricto Sensu* e apenas 2,9% apontaram a pesquisa como fator motivador (Figura 13).

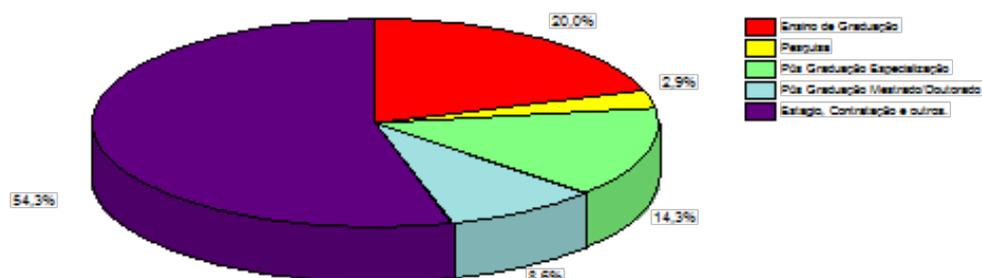


Figura 13: Fatores Motivacionais cooperação Empresas – IES, Anápolis, GO

Na Tabela 2 há o levantamento das vantagens e desvantagens dessa relação de cooperação. No que se refere às principais vantagens 30% referem-se à Qualificação de profissionais, 23,33% ressalta Manter Relacionamentos e/ou Troca de conhecimentos, 20% para a Captação de pessoas, 10 % para Profissionais sem vícios, e 6,66% para o Crescimento da empresa. Quanto às desvantagens 53,33% acreditam não possuir nenhuma desvantagem nessa relação e 13,33% apontaram a Falta de compromisso dos estudantes.

Tabela 2: Vantagens e Desvantagens da relação de cooperação Empresas x IES, Anápolis, GO

VANTAGENS	Quantidade Absoluta (n.)	Quantidade relativa (%)
Qualificação de profissionais	9	30,00
Manter Relacionamentos/Troca de conhecimentos	7	23,33
Captação de pessoas	6	20,00
Profissionais sem vícios	3	10,00
Crescimento da Empresa	2	6,66
Motivação dos Funcionários	1	3,33
Redução de encargos	1	3,33
Descontos em Cursos	1	3,33
Total	30	100
DESVANTAGENS	Quantidade Absoluta (n.)	Quantidade relativa (%)
Não há Desvantagem	8	53,33
Estágio tem carga horaria limitada	1	6,66
Perca de colaborador para concorrência, por estar qualificado.	1	6,66
Falta de compromisso dos estudantes	2	13,33
Empresa não tem incentivo	1	6,66
Cursos oferecidos estão fora das expectativas das empresas	1	6,66
Mão de Obra sem capacidade	1	6,66
Total	15	100,00

A Figura 14 apresenta as principais barreiras para se existir relação entre as Empresas e as IES considerando a Burocracia universitária a principal com 30,4%, seguido do Grau de incerteza do projeto com 19,6%, a duração longa do projeto com 13% e a Propriedade de patentes e resultados com 10,9%.

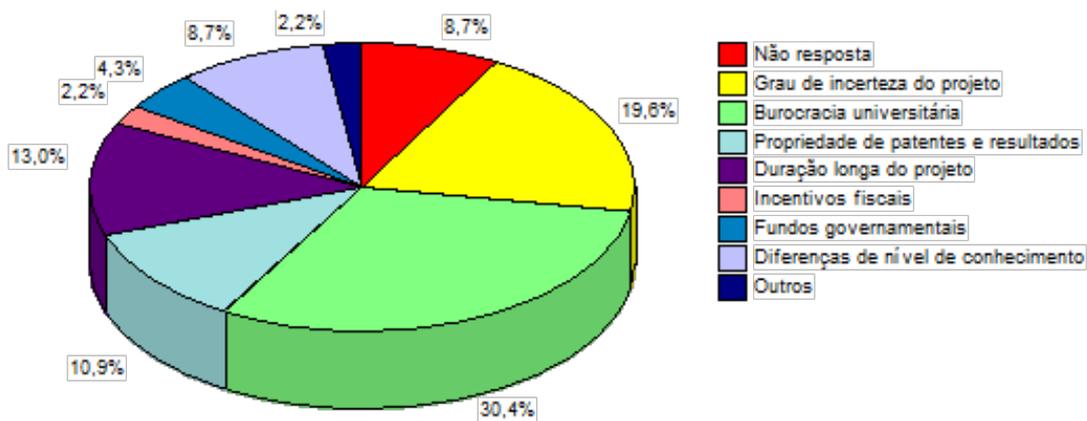


Figura 14: Barreiras da cooperação Empresas X IES, Anápolis, GO

Quanto aos facilitadores do relacionamento entre Empresas e IES a Figura 15 aponta em primeiro lugar com 29,3% a Localização geográfica das IES, 17,1% o Sistema de distribuição de benefícios, 14,6% os Incentivos fiscais e 12,2 % as Diferenças de nível de conhecimento.

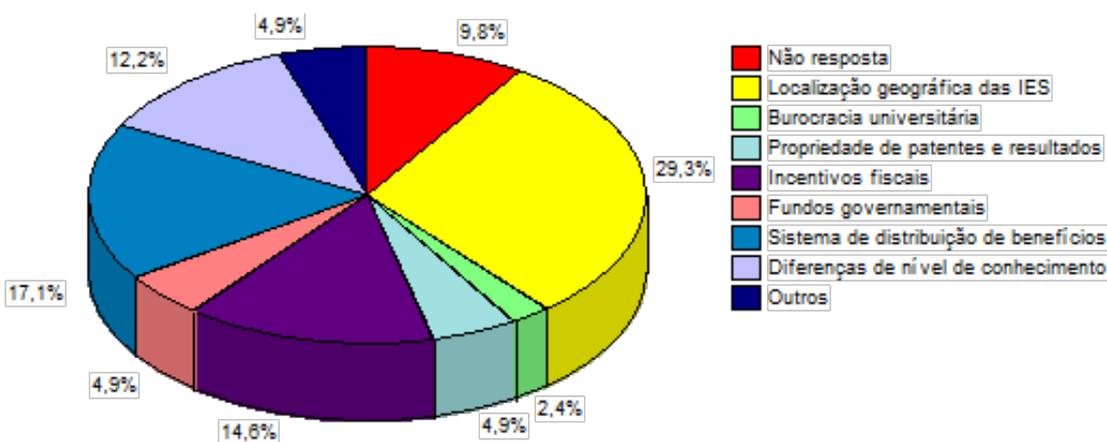


Figura 15: Facilitadores da interação Empresas x IES, Anápolis, GO

A gestão da inovação e do conhecimento juntando todos os atores envolvidos neste processo possui elevado grau de importância e relevância para todas as empresas, à medida que todos foquem em um único objetivo e busquem a captação e o compartilhamento de informações, que conforme Pasqualini (2003) é necessário criar um ambiente favorável à inovação.

O Bloco de inovação vem demonstrar o interesse das empresas nesse quesito frente às IES. Quando questionados se utilizam alguma tecnologia criada por alguma IES, 82,6% afirmaram não usar tecnologia criada por alguma universidade, enquanto que 13% desconhecem o assunto e apenas 4,3% disseram que usam tecnologias criadas pelas IES e apontaram interesse maior pela área de Engenharia (Figura 16).

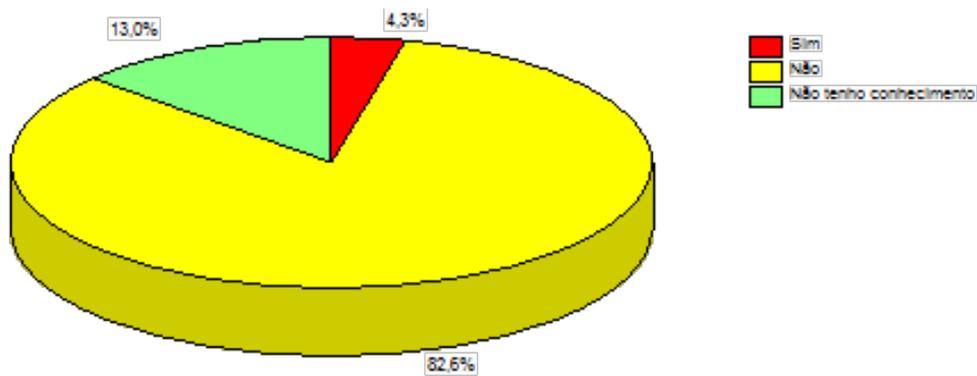


Figura 16: Tecnologias de interesse das Empresas, desenvolvidas pelas IES, Anápolis, GO

Entre as empresas que não utilizam alguma tecnologia criada pelas IES a Figura 17 revela que 43% apresentaram interesse no uso dessas tecnologias, 39,1% disseram não conhecer o processo e 13% não teriam interesse. Não há outro caminho para o desenvolvimento regional, citado por Plonsky (1999) da aproximação entre os três tipos de atores ciência e tecnologia, estrutura produtiva e políticas governamentais.

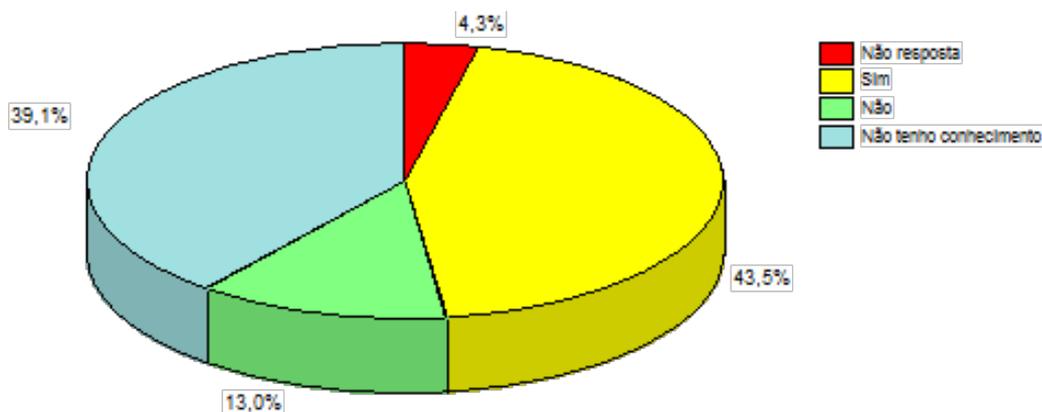


Figura 17: Interesse das Empresas em tecnologias produzidas pelas IES, Anápolis, GO

Conforme Tabela 3, o interesse por projetos e programas específicos por área, está voltado de acordo com as necessidades com 23,08%, no que refere a área de Administração e Projetos de novas ideias foi destacado o interesse por 15,39% e a área de Capacitação, Química, Engenharia, Economia, Humanas e a fabricação de Ferramentas abrangeu 7,69% do interesse, esse interesse contrapõe Vasconcellos e Ferreira (2000) que sustenta que as relações entre IES e empresas não podem ser simples troca de serviços ou equipamentos, um relacionamento eficaz seria aquele cujo objetivo prevalecesse o fortalecimento da base de conhecimento de ambos.

Tabela 3: Projetos e Programas das IES de interesse das Empresas, Anápolis, GO

ÁREA - PROJETOS E PROGRAMAS	Quantidade Absoluta (n.)	Quantidade relativa (%)
De acordo com as necessidades	3	23,08
Administração	2	15,39
Projetos de novas ideias	2	15,39
Capacitação	1	7,69
Química	1	7,69
Engenharia	1	7,69
Economia	1	7,69
Humanas	1	7,69
Fabricação de Ferramentas	1	7,69
Total	13	100,00

Ao ser questionado pelo interesse em particular de alguma tecnologia com o objetivo de suprir as necessidades de algum setor da empresa a Figura 18 aponta que 52,2% disseram não ter conhecimento enquanto que 30,4% não possuem interesse, 13,0% demonstraram interesse e destacaram a Tecnologia na área industrial, Manutenção Industrial e em todos os seus setores.

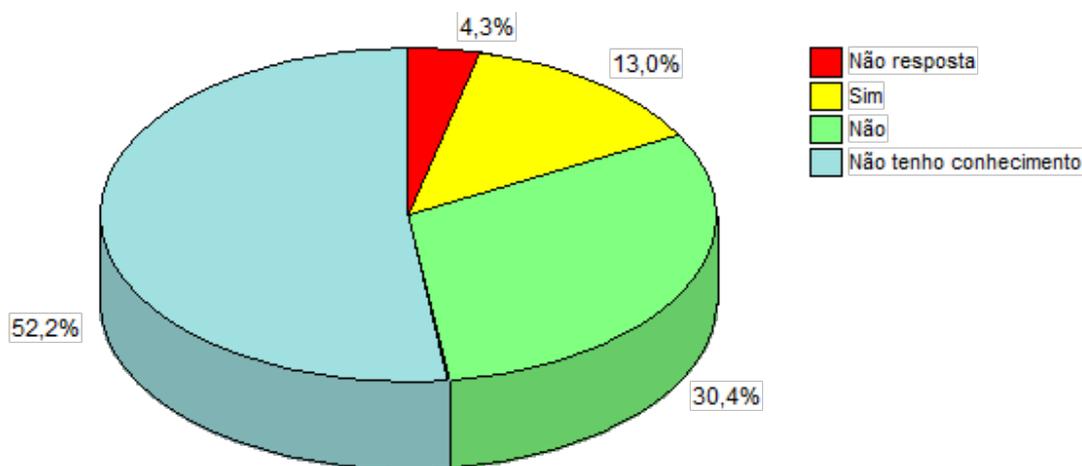


Figura 18: Necessidade de novas tecnologias pelas Empresas, Anápolis, GO

Os resultados indicam dificuldade na interação e na relação de cooperação entre as empresas e as IES percebida especialmente, na lentidão dos processos e poucos professores que atuam como agentes interlocutores entre o setor acadêmico e empresarial. Percebe-se ainda, falta de motivação de ambas as partes, lentidão e atraso na publicação dos resultados de pesquisa, receio da IES perder sua autonomia e incompatibilidade do tempo da empresa e das Instituições de Ensino Superior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As entrevistas demonstram que mesmo com limitações, a cooperação IES x Empresas é vista de forma positiva por dirigentes. Torna-se necessário olhar as mudanças do mundo do trabalho, as necessidades da sociedade no sentido de melhorar a profissionalização das empresas, profissionais mais qualificados tendo oportunidade de trabalho, a melhoria da qualidade de vida, da inserção das pessoas no trabalho, dentre outras com o intuito de gerar o desenvolvimento regional.

As IES não podem ficar isoladas e assim, a cooperação torna-se um mecanismo capaz de dinamizar a relação com o mundo do trabalho, criação de projetos conjuntos, formalização das áreas de parcerias, não só na realização de serviços pontuais e emergenciais, mas, na formatação de convênios que possam desenhar um processo organizado, planejado e formalizado.

Nas entrevistas detectou-se que as relações são muito informais dependendo da iniciativa pessoal de uma área, de uma diretoria e até mesmo de um professor, sem qualquer envolvimento da instituição em suas políticas de relacionamento com as empresas e a sociedade. A parceria restringe-se a oferta de estágio, espaço de recrutamento de alunos, visitas técnicas, palestras, oferta de cursos específicos (dentro de determinadas áreas de conhecimento), dentre outras, o que também pode ser verificado pelos questionários aplicados nas empresas que estas relações são restritas e de pouco interesse do segmento empresarial.

Em função das mudanças na sociedade, nas empresas e no mundo do trabalho precisará haver melhor articulação na relação desses atores sociais (empresa, governo, instituições de educação superior) possibilitando maior desenvolvimento tecnológico, competitividade, valor agregado, qualificação de pessoas e produtos, novos saberes e novas práticas na gestão das IES, das empresas e da gestão pública.

Referências

ANÁPOLIS. *Mapa de localização de Anápolis Goiás*. Disponível em: <https://www.google.com.br>. Acesso em: 27 mar. 2014.

AVILLEZ, R. R. de. Universidade e empresas: namoro, noivado e casamento. *Revista PUC-CIÊNCIA*, Rio de Janeiro, número especial, dez. 1999.

CASSIOLATO, J.E. *A economia do conhecimento e as novas políticas industriais e tecnológicas*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

DIAS, S. S. *O papel de Anápolis-GO no contexto do eixo Goiânia – Anápolis – Brasília*. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

HELENE, M. E. M. *Ciência e tecnologia: de mãos dadas com o poder*. São Paulo: Moderna, 1996. (Coleção Polêmica).

VASCONCELOS, M.C.R.L.; FERREIRA, M. A. T. A contribuição da cooperação universidade/empresa para o conhecimento tecnológico da indústria. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 167-182, jul./dez. 2000.

LIMA, K. K.; LIMA, T. C. M. P. A Relação de Cooperação das Instituições de Ensino Superior e as Empresas do Distrito Agroindustrial de Anápolis-GO. 2013. [Entrevista com Antônio Borges Júnior, Coordenador de Serviços de Interação Empresa-Escola (Cosiee)]

- LIMA, K. K.; LIMA, T. C. M. P. A Relação de Cooperação das Instituições de Ensino Superior e as Empresas do Distrito Agroindustrial de Anápolis-GO. 2013. [Entrevista com Marcelo Melo Barbosa, Pró-Reitor Acadêmico do Centro Universitário UniEvangélica]
- LIMA, K. K. ; LIMA, T. C. M. P. A Relação de Cooperação das Instituições de Ensino Superior e as Empresas do Distrito Agroindustrial de Anápolis-GO. 2013. [Entrevista com Maria Inácia Lopes, Vice-diretora Acadêmica da Faculdade Católica de Anápolis]
- LIMA, K. K.; LIMA, T. C. M. P. A Relação de Cooperação das Instituições de Ensino Superior e as Empresas do Distrito Agroindustrial de Anápolis-GO.2013. [Entrevista com José Odilon de Oliveira, Diretor Acadêmico da Faculdade FAMA]
- LIMA, K. K.; LIMA, T. C. M. P. A Relação de Cooperação das Instituições de Ensino Superior e as Empresas do Distrito Agroindustrial de Anápolis-GO. 2013. [Entrevista com Jessé Alves de Almeida, Diretor Acadêmico da Faculdade Raízes]
- LIMA, K. K.; LIMA, T. C. M. P. A Relação de Cooperação das Instituições de Ensino Superior e as Empresas do Distrito Agroindustrial de Anápolis-GO. 2013. [Entrevista com Luiz Henrique Ribeiro, Diretor Acadêmico da Faculdade Instituto Brasil – FIBRA]
- LIMA, K. K.; LIMA, T. C. M. P. A Relação de Cooperação das Instituições de Ensino Superior e as Empresas do Distrito Agroindustrial de Anápolis-GO. 2013. [Entrevista com Francisley Mamedes Ferreira Rosa, Coordenador do Curso tecnólogo em Gestão de Recursos Humanos do Centro Universitário UNI-Anhanguera]
- PASQUALINI, A. C. Não há inovação sem estratégia. *Revista Banas Qualidade*, São Paulo, ano 12, n. 129, p.26-31, fev. 2003.
- PLONSKI, A. G. Cooperação universidade-empresa: um desafio gerencial complexo. *Revista de Administração*, São Paulo v.34, n.4, p.5-12, out./dez. 1999.
- PLONSKI, A. G. Cooperação empresa-universidade no Brasil: um novo balanço prospectivo. In: INTERAÇÃO Universidade-Empresa. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. (IBICT). Brasília: IBICT, 1998. p 9-23.
- REINHART, D. R.; SELTER, J. *Industry/Engineering Partnerships with an Emerging Research University*. International Conference on Management of Technology. Orland, USA, 1998. p. 869-878.
- SEBRAE-GO. *Norma de classificação das empresas quanto ao porte por número de empregados*. Disponível em: <http://www.sebraego.com.br>. Acesso em: 28 jan. 2012.

* Recebido em: 05.10.2015. Aprovado em: 19.10.2015.

KARLA KELLEME DE LIMA

Mestranda no Programa de Mestrado em Desenvolvimento e Planejamento Territorial da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), Goiânia-GO/Brasil. E-mail: karlakellem@globo.com

TEREZA CRISTINA MEDEIROS PINHEIRO DE LIMA

Professora Doutora no Departamento de Administração da PUC Goiás, Goiânia-GO/Brasil. E-mail: tekinha.adm@gmail.com

ANTÔNIO PASQUALETTO

Professor Doutor no Programa de Mestrado em Desenvolvimento e Planejamento Territorial da PUC Goiás e do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás, Goiânia-GO/Brasil. E-mail: profpasqualetto@gmail.com